



Codesign por meio de correspondências com a comunidade quilombola de Monge Belo

Codesign by means of correspondences with the maroon community of Monge Belo

FERREIRA, Gabriela Ramos; Mestranda em Design; UFMA; gr.ferreira@discente.ufma.br

FARIAS, Luiza Gomes Duarte de; Graduanda em Design; UFMA; luiza.duarte@discente.ufma.br

IZIDIO, Luiz Cláudio Lagares; Pós doutorando em Design; UFMA; lagaresiz@gmail.com

NORONHA, Raquel Gomes; Doutora em Antropologia – PPCIS-UERJ; Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Design – UFMA; raquel.noronha@ufma.br

Resumo:

O presente artigo relata uma das visitas dos pesquisadores do NIDA - Núcleo de Pesquisas em Inovação, Design e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão à comunidade quilombola de Monge Belo, em Itapecuru-Mirim - MA, a qual desenvolve um trabalho de pinturas com o uso de pigmentos naturais. O objetivo da visita foi mapear e coletar matéria-prima local por meio de uma pesquisa exploratória com uma abordagem a partir do Design Anthropology, norteada por práticas de correspondências e relações de horizontalidade para a promoção da autonomia da comunidade. Durante a busca e coleta dos pigmentos pelas terras de Monge Belo, foram estabelecidos processos de atencionalidade e trocas para a compreensão das relações existentes no território. Dessa maneira, como resultados, apresentam-se reflexões sobre as relações de correspondências e cocriação no processo de se fazer design, a partir das situações e diálogos estabelecidos com a comunidade de Monge Belo. Além disso, obtivemos um mapeamento que materializa essas práticas em campo.

palavras-chave: Pigmentos minerais; Monge Belo; Correspondências em campo; Comunidade; Design Anthropology; cocriação

Abstract:

The present article reports one of the visits of the researchers of the NIDA - Research Center in Innovation, Design and Anthropology at the Federal University of Maranhão to the maroon community of Monge Belo, in Itapecuru-Mirim - MA, which develops a work of paintings with the use of natural pigments. The objective of the visit was to map and collect local raw material through exploratory research with an approach from Design Anthropology, guided by practices of correspondence and horizontal relationships to promote autonomy of the community. During the search and collection of the pigments in the lands of Monge Belo, processes of attentionality and exchanges were established to understand the complexities of the relationships existing in the territory. This way, we established reflections about the correspondence and co-creation relations in the process of making design, based on the relations established with the Monge Belo community. As a result, we obtained a mapping that materializes these practices in the field

Keywords: Mineral pigments; Monge Belo; Field correspondence; Community; Design Anthropology; co-creation



Introdução

O relato que se apresenta corresponde à uma das visitas das pesquisadoras do NIDA - Núcleo de Pesquisas em Inovação, Design e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão, ao quilombo de Monge Belo, em Itapecuru Mirim¹ - MA que ocorreu entre os dias 23 e 24 de abril de 2022, mediada pela professora e pesquisadora Raquel Noronha e pela moradora do local e participante do grupo, Patrícia Rodrigues.

A visita à Monge Belo teve como intuito promover aproximações com a comunidade, a fim de se estabelecer um processo atencional e de compreensão das práticas cotidianas e de como se desenvolvem as atividades, principalmente entre as mulheres, as quais relacionam-se ao uso dos pigmentos² naturais. Segundo elas, a prática da pintura com pigmentos naturais iniciou-se na comunidade a partir do ano de 2019, por meio de uma oficina promovida pela Vale³ na comunidade e deu origem a uma atividade de pintura das cisternas e de fachadas das residências, por um grupo composto por cerca de oito mulheres, inicialmente.

Durante a visita fomos recebidos na casa da Patrícia, moradora da comunidade, a qual assumia posição de liderança entre as outras mulheres do grupo. A partir de rodas de conversas com elas pudemos conhecer mais sobre os saberes e as transformações ocorridas ao longo do tempo na comunidade⁴. Dentre elas, as que permeiam a história, a cultura e a religiosidade local. Os relatos demonstram a perda de tradições e do saber-fazer ao passar das gerações, seja relacionado aos ritos religiosos ou às práticas artesanais comuns outrora àquele território.

A fim de contextualizar a história do quilombo de Monge Belo também foram buscados registros documentais e relatos orais de moradores que participaram direta ou indiretamente do período de sua fundação. Segundo relato documentado⁵, a história de Monge Belo inicia-se a partir do período áureo da produção de algodão e cana-de-açúcar, quando desembarcaram no extinto Porto da Gambarra, cerca de 100 escravos que foram vendidos à Fazenda Monge Belo para trabalhar no cultivo da terra e na produção de açúcar. Daí em diante, eles permaneceram no território que hoje faz parte do povoado de Monge Belo e Juçara.

Com relação aos fundadores do quilombo, as mulheres citam que um nome importante para a formação do Território é o de Manoel Marcimiano da Fonseca, conhecido como um dos primeiros moradores a habitar e constituir descendência no território. Somado à esse, o presente documento também cita outros nomes que foram importantes à história de Monge Belo, dentre eles: Lucas José Machado, Antonio Machado de Miranda, Frauzino Caetano Machado, Hygino Antonio Rodrigues, Gil da Luz dos Santos, Manoel Francisco Viana e Cosme Damião dos Santos.

¹ O quilombo de Monge Belo situa-se no município de Itapecuru Mirim, sendo necessário percorrer cerca de 100 quilômetros, a partir do marco zero de São Luís (MA). Destes, 12 km foram por meio de uma estrada de terra (um ramal) para se chegar à casa da Patrícia.

² Pigmentos segundo Mayer (2002) são substâncias que podem ser classificadas de acordo com sua cor, seu uso, sua permanência, etc. Sendo a classificação segundo a sua origem como inorgânica ou orgânica.

³ Segundo as moradoras, esta foi uma atividade compensatória por danos ambientais promovida pela Vale à comunidade.

⁴ Por se tratar de uma região quilombola, no qual evidenciam-se relatos das moradoras e documentais a respeito de conflitos de terras com grileiros, a assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido, não se torna viável devido ao medo de tais moradoras perderem suas terras. No entanto, as artesãs foram esclarecidas verbalmente dos possíveis riscos e benefícios de participação na pesquisa e a possibilidade de manifestação da vontade ou não de participar da pesquisa. Salientamos que os riscos aos participantes são mínimos.

⁵ Documentado pela coleção Terras de quilombos - Comunidade quilombola de Monge Belo, baseado no Relatório técnico de identificação e delimitação de Monge Belo, elaborado por Guilherme Mansur Dias. Uma parceria entre o INCRA/CGPCT/NEAD, a UFMG/OJB, o CEBRAS e o NUQ.



Monge Belo, por sua vez, caracteriza-se economicamente pelas atividades de subsistência, e são cultivados, principalmente, o arroz, o milho e a mandioca. A maioria das famílias também recebe o auxílio do governo que ajuda nas despesas das casas. Grande parte das casas da comunidade foram construídas em alvenaria, provenientes do programa do governo federal “Minha casa, minha vida”, havendo, ainda, alguns exemplares, anexos às residências e geralmente situados nos quintais, das casas de taipa.

O conhecimento contextualizado da realidade local assim como as relações iniciais com a comunidade se fazem necessárias para entender como ocorre o processo artesanal de produção de tintas com o uso de pigmentos naturais pelas mulheres na comunidade, portanto, é essencial entender as relações das moradoras com o território e, através das práticas de correspondências, estar atentos ao que acontece com o ambiente, as pessoas e os seres, de uma forma geral, que fazem parte do contexto vivenciado na comunidade. Essas relações se dão por meio da atencionalidade em relação ao outro e com o outro durante a vivência no campo de pesquisa.

As práticas de correspondência são ditas por Ingold (2018) como uma forma de estar no mundo de forma engajada e atencional em um processo de *response-ability*, que é o afetar e ser afetado, ou seja, a abertura para as experiências, sentimentos, sensações e saberes que a vivência em campo pode sugerir, contrapondo a hierarquização dos diferentes tipos de conhecimento, no modo tradicional de se fazer design.

Assim também, veremos outros princípios das práticas de correspondência estarem presentes na vivência ao longo da visita ao quilombo em Monge Belo. Dentre eles, podemos citar a temporalidade e os ciclos da natureza, quando se fala na sazonalidade recorrente aos períodos de colheitas de possíveis espécies para serem utilizadas como mordentes⁶, e o conhecimento narrativo, ou seja, o saber construído por meio das experiências vividas entre os atores da pesquisa, que eram contadas pelas próprias mulheres da comunidade acerca do saber-fazer e da história de origem do quilombo.

Dessa maneira, busca-se por meio desse artigo, que ainda é uma pesquisa em fase exploratória, contribuir com estudos que visem promover ações de Design na comunidade situada no município de Itapecuru Mirim. Além disso, objetiva-se refletir sobre os processos de copesquisa⁷, a partir das correspondências com os materiais locais e do reconhecimento do saber-fazer das mulheres que habitam o território, junto aos pesquisadores.

Correspondências e Copesquisa

Situar a realidade do território faz com que seja possível percebermos a complexidade do contexto da comunidade, nesse sentido, o caráter contextual auxilia no processo de identificação de possibilidades de ação da pesquisa e design no território. A identificação dessas possibilidades ficam a cargo das pessoas envolvidas no contexto, neste caso, as moradoras de Monge Belo, o próprio território e nós pesquisadores, que juntos iremos coconstruindo e codesenhando essas possibilidades.

Para além da tarefa de coleta das terras locais, a experiência de pesquisa em Monge Belo pretendeu-se ir ao encontro das pessoas, os materiais e o território habitado a fim de explorar e imaginar futuros possíveis com os pigmentos minerais e demais materiais nativos do território. Para tanto, assumimos não uma postura objetificante e prescritiva, mas aberta às correspondências, entendida, aqui como um processo de atenção e resposta mútua entre os seres e as coisas ao longo do tempo, como propõe o antropólogo britânico Tim Ingold:

⁶ Substância associada ao tingimento com a função específica de manter a durabilidade da cor, conferindo maior resistência às lavagens e exposição ao sol.

⁷ Copesquisa diz respeito à construção da pesquisa em um trabalho conjunto entre todos os envolvidos no processo da pesquisa.



É juntar-se a outros em uma exploração contínua, especulativa e experimental de quais podem ser as possibilidades e potenciais da vida. Mas não se trata, da mesma forma, de deixar as coisas para trás, inserindo-as em seus contextos. Não se trata de compreensão ou interpretação. Essa é uma tarefa para a etnografia. Praticar a antropologia, ao contrário, é devolver o mundo à presença, ao atender e ao responder. (INGOLD, 2016, p. 20, tradução nossa)

Tais práticas se conjugam aos modos de produção de conhecimento na abordagem do *Design Anthropology*, uma prática situada, experimental e atencional de se fazer design por meio da antropologia, que se desdobra com base nos efeitos transformadores do fazer colaborativo com as comunidades com as quais pesquisamos (SANTOS, NORONHA e SARAIVA, 2020), inscrita na instância do mundo presente e orientada à prospecção (GATT e INGOLD, 2013).

Durante a visita ao povoado, assumimos uma posição dialógica e atencional para nos aproximarmos aos modos como as habitantes de Monge Belo experienciam a vida no povoado, observando discursos e percepções explícitas ou não acerca dos costumes e tradições locais, formas de sociabilidades, a biodiversidade, projetos já realizados na comunidade, entre outras questões. Esta vivência garantiu que as moradoras também respondessem aos nossos estímulos em se imaginar iniciativas de produção de pigmentos minerais com os materiais já encontrados no território, iniciando, assim, um processo de copesquisa entre os atores envolvidos.

Importa destacar que um dos motivos que nos chamou a atenção no território de Monge Belo foi o trabalho já desenvolvido pelas mulheres: as pinturas nas cisternas, como podemos ver exemplos nas imagens 1, 2 e 3 abaixo. Esse trabalho caracteriza-se pelo uso das tintas produzidas com pigmentos naturais pelas próprias mulheres da comunidade. Elas produziam os desenhos e a tinta, que até então pensávamos ser com matéria-prima local. Durante a visita, e a partir da narrativa das mulheres sobre como a produção das tintas era feita, dois fatores então nos chamaram a atenção: o uso da cola branca na composição da tinta e o uso de pigmentos oriundos do estado de Minas Gerais.

Figura 1, 2 e 3 - Pintura das cisternas executadas pelas mulheres da comunidade. Fonte: Acervo da Patrícia, consultado pelos autores



Figura 3 e 4 - Acervo de esboços do processo criativo de desenhos que eram produzidos para serem pintados nas cisternas, todos de autoria da Patrícia. Fonte: autores



Dessa forma, fomos movidos a pensar, junto às mulheres, em matéria-prima que fosse presente no próprio território quilombola de forma a tornar mais sustentável o processo de produção dessas tintas. Inicialmente, a professora Raquel Noronha acionou o leite de bananeira como uma possibilidade de mordente no lugar da cola branca, a partir do conhecimento proporcionado por experiências em outras comunidades. A partir de então, as mulheres começaram naturalmente a indicar possíveis pontos de ocorrência da bananeira, assim como também outras possibilidades existentes no território de Monge Belo.

Seguindo o fluxo dos materiais em campo

Seguir o fluxo dos materiais, de acordo com Ingold (2011), consiste em atentarmos nosso olhar para os processos vitais que emanam dos materiais com os quais nos relacionamos em campo, percebendo subjetivamente suas qualidades intrínsecas. No processo de copesquisa, as trilhas percorridas por Monge Belo nos possibilitaram o conhecimento sobre diversas espécies de possíveis mordentes, porém, somente a partir da relação sensorial destes materiais pudemos compreender suas particularidades, bem como elicitar a emergência de saberes tácitos relacionados aos mesmos.

Inicialmente, buscamos provocar articulações entre saberes bibliografados sobre pigmentos minerais e os saberes empíricos da comunidade, através da exposição sobre os modos de produção do primeiro. Acionando os conhecimentos apreendidos no projeto da empresa Vale desenvolvido anteriormente no povoado, o grupo de mulheres começou, desse modo, a refletir sobre pontos localizados dentro do próprio território dos quais poderiam se extrair terras para a produção, além de possíveis plantas nativas que poderiam servir como mordentes.

Quando já na ocasião da segunda visita à Monge Belo, tomamos conhecimento de que uma das mulheres havia realizado experimentos com o caule de jaqueira para a fabricação de fixadores, elaborando tintas com algumas poucas amostras de terra estocadas em sua casa. Observamos, assim, como a mediação exercida acerca das possibilidades de uso dos mordentes orientou a atenção da moradora para os potenciais de elementos da flora local.

Ingold (2018) aciona o termo *doing undergoing* o qual pode ser traduzido pelo 'afetar e ser afetado de volta', o qual pode ser entendido como a relação mútua entre pesquisadores e copesquisadoras, na qual ambos estabelecem relações de trocas durante o processo de atencionalidade. Dessa forma, a busca pelos pigmentos e mordentes na comunidade foi sendo conduzida a partir dos saberes e das relações que essas mulheres tinham com a vizinhança, uma vez que estes foram achados ao longo dos terrenos dos próprios moradores do quilombo.

A correspondência entre a *expertise* e o conhecimento empírico sobre a localização e qualidade dos materiais nativos do território por parte das moradoras e a tangibilização do estado da arte sobre os pigmentos fornecidas pelas pesquisadoras foi fundamental para a horizontalização do processo de pesquisa. Por mais que as práticas de correspondências já presuma uma relação de atenção e escuta, é preciso sempre estarmos atentos para permitirmos que as relações aconteçam de maneira democrática e horizontal garantindo que de fato todos os envolvidos no processo desenvolvam autonomia.

Para Spinuzzi (2005), o conhecimento tácito é caracterizado como aquele de ordem implícita, holística, portanto, não delimitado e sistematizado. Um saber que é, muitas vezes, desvalorizado e delegado à esfera da subalternidade quando em face da hierarquização epistemológica, a qual anula todas as outras formas de conhecimento, que não aquela que se vincula a um paradigma de verdade científica absoluta (KUHN, 1974).

Percebemos, assim, a importância do reconhecimento de seus saberes e o percurso prático com as moradoras, principalmente, através do caminhar ao longo do território de Monge Belo, possibilitando o desenho de estratégias de uso dos materiais locais.

No primeiro dia da visita, nos dirigimos aos pontos prováveis para a extração das terras, como pode ser observado no caminho traçado em rosa no mapeamento da jornada (figura 7). Tendo como ponto de partida a “Casa da Patrícia”, neste primeiro momento, as moradoras sinalizaram a oportunidade de coleta próximas às encostas dos açudes, elemento que se relaciona culturalmente ao modo de vida e produção do povoado.

Figura 5, 6 e 7 - Percurso de busca dos pigmentos minerais. Fonte: autores



Deste modo, foram apontados três locais dentro do território (Casa da Miúda, Casa do Zé Luiz e Casa da Larissa) com a presença de açudes, que haviam sido recentemente construídos e que, portanto, contavam com montículos de terra nas proximidades, estes os quais foram criados a partir do material recolhido durante a escavação. A vivência na comunidade e o conhecimento sobre a maneira como ocorre a construção de tais estruturas respondeu, nesse sentido, à demanda de localização de possíveis locais de coleta dentro do próprio território.

As terras, como pode-se observar na figura 7, possuíam diferentes colorações, de acordo com a região em que eram coletadas. Dentre as cores observadas, percebe-se especialmente as tonalidades próximas ao vermelho, amarelo e cinza. E, com uma enxada na mão, as moradoras cavavam as superfícies das encostas dos açudes para recolher a amostra de terra com níveis de colorações que elas julgavam serem os mais acentuados possíveis. O material coletado apresentava umidade devido a localização em que se encontrava e, geralmente, as tonalidades de cores misturavam-se entre si, devido à proximidade em que se encontravam.

No segundo dia da visita, caminhamos rumo aos locais em que se situavam as plantas nativas das quais poderíamos extrair mordentes, percurso que consta no mapa com a cor preta. Seguindo a orientação das moradoras e seus conhecimentos tácitos, listamos algumas árvores para a extração de mordentes, dentre elas: bananeira (*Musa X Paradisiaca*), cabrunco (*NI-Cipó de cabrunco*), visgueiro (*Parkia pendula*), limoeiro (*Citrus x latifolia*), jaqueira (*Artocarpus heterophyllus*), mangueira (*Mangifera indica*), mamoeiro (*Carica papaya*) e traqueira (*Silene vulgaris*).

A memória das moradoras foi acionada para procurar tais espécies devido às características em comum que estas possuíam em relação ao material da cola branca que se desejava substituir: a viscosidade do líquido e a capacidade que estes possuíam em fixar materiais. Estas qualidades só podem ser conhecidas por meio da prática e experimentação com os materiais, não a partir de atributos fixos e sistematizados, mas em como as moradoras percebem subjetivamente seus processos, no desdobramento de uma relação em mundo de materiais vivos e em constante transformação (INGOLD, 2011). Dessa forma, pequenos cortes iam sendo feitos nos caules das plantas ou em seus ramos a fim de testar a possível fluidez (ou não) do possível material a ser extraído. Essa facilidade em se obter o material das árvores orientava-nos a permanecer em tal espécie ou a procurar por novas.

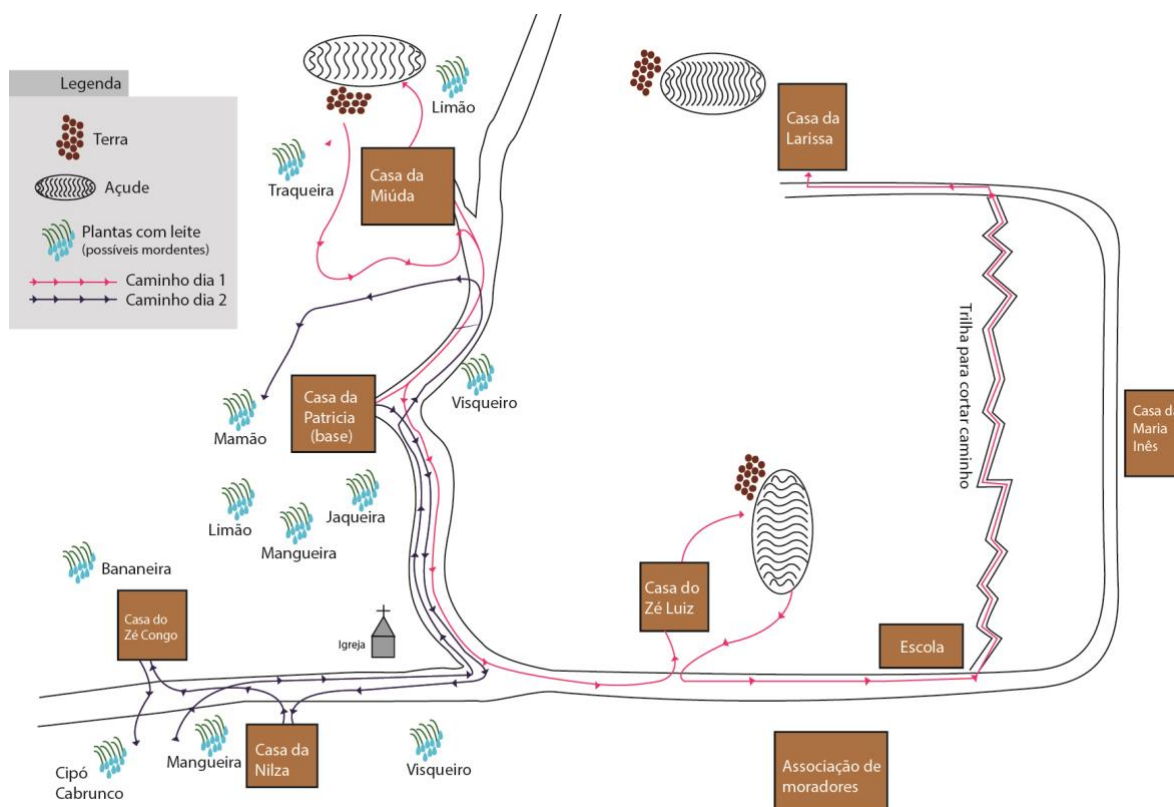
Primeiramente, nos direcionamos à casa de um conhecido das moradoras (Casa de Zé Congo), por conta da existência de bananais em seu terreno. O trabalho conjunto guiou tal processo, em que todos os atores envolvidos na copesquisa, inclusive os moradores que se integravam ao longo percurso, atuaram na intensa tarefa de extração do leite da bananeira, terminologia local para o líquido extraído do pseudocaule da árvore.

Figura 4 e 5 - Percurso de busca dos mordentes naturais. Fonte: autores



Uma outra questão suscitada ao longo da trajetória pelo povoado corresponde ao modo em que, ao localizar os materiais apontados previamente à caminhada, novas memórias eram acionadas sobre possíveis plantas que também poderiam ser utilizadas, redesenhando nosso rumo pelo território e diversificando as espécies para a produção de mordentes. Além disso, a correspondência e percepção sensorial dos materiais em relação com as moradoras fundamentou o processo de escolha, por exemplo, quando percebíamos que algumas das plantas possuíam maior facilidade de extração ou maior potencialidade de utilização como mordente do que outras.

Figura 7 - Mapeamento da jornada em Monge Belo. Fonte: Autores.



Ainda nas proximidades do primeiro destino, pudemos localizar e realizar experimentos com outras espécies, como a mangueira, o visgueiro e o cabrunco (Figura 5), um tipo de cipó cujo líquido viscoso interno é localmente utilizado como cola. Tais espécies, além dos pontos mencionados, também encontram-se espalhadas em vários outros locais do território.

Sendo assim, o mapeamento das experiências em Monge Belo foi resultado dessa pesquisa exploratória pelo território, o qual pôde tangibilizar visualmente o caminho percorrido ao longo do primeiro e segundo dia da visita, indicando as casas dos moradores com os quais colaboramos, a localização dos açudes, dos montículos de terra, das plantas passíveis da extração de mordentes, além de outros espaços comunitários do povoado, como a Igreja, a Associação de moradores e a Escola local. Por meio deste, trazemos à tona um processo que parte da premissa de se construir uma prática de pesquisa através das correspondências com os atores locais, valorizando seus saberes e fazeres e especulando sobre propostas que considerem a sustentabilidade, segundo as especificidades socioculturais, ambientais e econômicas do território.

Considerações finais

As práticas de correspondência e intencionalidade alinhadas ao processo de copesquisa realizado com as moradoras de Monge Belo favoreceram o processo de identificação de materiais no território.

Além disso, a experiência com o grupo de mulheres em Monge Belo denota, dentre outras coisas, a importância do olhar para as relações, para os seres que compõem o ambiente e para os processos vivos



que estão à nossa volta antes de se propor qualquer intervenção de Design em uma comunidade. Estes configuram-se como processos vivos e ativos no qual nada permanece estático e na prática pode-se observar o processo de correspondência fluir.

Da mesma forma, percebe-se a necessidade de se manter um olhar atento para a compreensão do espaço à margem que ocupam essas mulheres, e da importância em se proporcionar locais de fala democráticos que as possibilitem devir como um novo sujeito e também como participantes fundamentais para o processo de construção da pesquisa.

Os próximos passos da pesquisa ficarão a cargo das análises laboratoriais das terras e mordentes coletados no território. Esse processo será conduzido pela mestrandia Gabriela Ramos em seu intercâmbio de pesquisa na UEMG. Já a graduanda Luiza Farias, que também está em um intercâmbio de pesquisa, porém na UFPR, está em busca de entender os processos relacionados ao desenvolvimentos de serviços por meio do design. Ambos resultados estão previstos para serem apresentados e experimentados em colaboração com a comunidade de Monge Belo em uma próxima visita de campo. Ambas viagens de pesquisa fazem parte do PROCAD - AM, entre os cursos de Design das universidades supracitadas.

Referências

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakav utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. 1 ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. 80p.

GATT, C; INGOLD, T. From Description to correspondence: Anthropology in Real Time. IN: GUNN, W; OTTO, T; Smith, R. C. (ED). **Design Anthropology: theory and practice**. London, New York Bloomsbury, 2013, p. 139-157.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/ou como educação**. 1 ed. (23 de setembro de 2020). Editora Vozes, 2020. 256 p.

INGOLD, Tim. On human correspondence. **Journal of the Royal Anthropological Institute** (N.S.) 23, 9-27 C Royal Anthropological Institute University of Aberdeen, 2016.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

KUHN, T. S. **Structure of Scientific Theories**. Urbana: University of Illinois Press, 1974.

MAYER, Ralph. **Manual do artista**. Ed. Martins Fontes, 1980.

MOUFFE, C. **Por um modelo agonístico de democracia**. Revista de Sociologia e Política, v. 25, n. 25, p. 11-23, nov. 2005.

NORONHA, Raquel Gomes Noronha. **The collaborative turn: challenges and limits on the construction of the common plan and on autonomy in design**. Strategic Design Research Journal, [s.l.], v. 11, n. 2, 2018.

SANTOS, Tayomara Santos dos; NORONHA, Raquel Gomes; SARAIVA, Gisele Reis Correa. PERCORRENDO CAMINHOS: do design etnográfico às correspondências. **Triades**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 34-62, 2020

SPINUZZI, Clay. The methodology of participatory design. Washington: **Technical Communication**, mai. 2005, v. 52, n.2, p. 163-174. Disponível em: <https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/28277/SpinuzziTheMethodologyOfParticipatoryDesign.pdf?sequence=2>. Acesso em: set. 2020.